

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL

QUILOMBOCLADA *RAP*'ENSANDO AS IDENTIDADES AMAZÔNICAS: AS CONTRIBUIÇÕES DO *RAP* PARA A EDUCAÇÃO INFORMAL NA AMAZÔNIA

Tarciso Pereira da Silva Júniorⁱ

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Sérgio Luiz de Souzaⁱⁱ

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Cássio Alves Lusⁱⁱⁱ

Instituto Federal de Rondônia (IFRO)

RESUMO

Trata-se de um breve estudo sobre a questão identitária tratada na música “Soul Quilomboclada” do grupo de *rap* Quilomboclada de Porto Velho-RO, o grupo pertence ao Movimento *hip hop* de Rondônia, em 2005 lançou o CD “Correnteza”. O discurso destes *rappers* trata sobre a construção e valorização das identidades amazônicas. O Objetivo da investigação é a análise da letra da música principal da banda sobre a ótica da negação da “branquitude” e do mito da “democracia racial”. Para tanto faremos uso de teóricos importantes na elaboração do texto como Stuart Hall, Gilberto Freyre e Kabengele Munanga. Em nossa metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo da discografia dos grupos de rap, Racionais MC’S (1992); (1993) e do grupo Quilomboclada (2005).

Palavras-chave: Quilomboclada; Educação; Identidade; Rap.

ABSTRACT

This is a brief study on the identity issue treated in the song "Quilomboclada Soul" of the rap group Quilomboclada of Porto Velho-RO, the group belongs to the Hip hop Movement of the Rondônia forest, in 2005 released the CD, Correnteza, "the rappers' discourse of the band deals with the affirmative construction and valorization of the Amazonian identities. The objective of the investigation is to analyze the lyrics of the band's main song about the "neglect of whiteness" and the myth of "racial democracy". For both we will use established and important theorists for the production of the text as Stuart Hall, Gilberto Freyre and Kabengele Munanga. In our methodology we used the bibliographical research and content analysis of the discography of rap groups, Racionais MC'S (1992); (1993) and Quilomboclada (2005).

Keywords: Quilomboclada; Education; Identity; Rap.



REVISTA LABIRINTO
ANO XVII
VOLUME 27
(JUL-DEZ)
2017
P. 249-259.

Introdução

O *rap* (*Rhyme And Poetry* – ritmo e poesia) é a vertente musical do movimento *hip hop*, nascida nos Estados Unidos na década de 1960. Além do *rap*, o *hip hop* conta com o *rapper* (cantor, antigo MC - Mestre de Cerimônia), os *DJ's* (disc-jóqueis), a dança (*break dance*) e a pintura ou arte plástica (*grafite*). O *rap* passou a ser uma metodologia educacional utilizada como ferramenta para dialogar com comunidades marginalizadas e exploradas sobre as dificuldades sofridas pelos negros e demais grupos étnico-raciais nas periferias. O *hip hop* chegou ao Brasil através dos bailes *Black Power* nos anos de 1970, em São Paulo e Rio de Janeiro, e ao longo do tempo tem como uma dimensão importante a postura político-cultural de luta contra o racismo. (MENDONÇA JÚNIOR, 2014).

O gênero musical *rap*, na década de mil novecentos e noventa (1990), espalhou-se pelo mundo e está presente na Região Norte do Brasil, fazendo menções a uma realidade enormemente assinalada pela presença da floresta Amazônica. Produzido nas grandes capitais, como Belém, Manaus e Porto Velho, o *rap* desta região reconstrói informações das culturas locais e também faz críticas a problemas peculiares da região, principalmente àqueles vinculados ao aniquilamento da floresta pela

exploração econômica e aos problemas relativos ao desrespeito diversidade cultural e aos patrimônios histórico-culturais que constituem as identidades dos povos amazônicos. Um exemplo é o movimento *hip hop* da floresta do Estado de Rondônia (MHF-RO) que se designa como uma representação cultural, social e política, orientada para a construção de uma sociedade socialista e ecologicamente correta. Para Gomes (2014, p. 92), os *rappers* do MHF-RO estão “[...] ligados a militância política, a militância em Organizações Não Governamentais (ONGs), e causas indígenas e ambientais” e representam uma peculiaridade da situação geográfica dessa região”.

Nestas bases, para a concepção mais extensa dos problemas abordados pelas letras das músicas dos grupos de *rap* do movimento *hip hop* de Rondônia, realizaremos um estudo sobre o grupo Quilomboclada e especificamente a letra principal do CD *Correnteza*, “Soul Quilomboclada”. No entanto, é necessário considerar a possibilidade da construção afirmativa das identidades amazônicas que vai além da declaração de distinção entre o que são e o que não são as identidades amazônicas. É preciso, assim, enxergar as identidades amazônicas que se formaram dentro em um movimento de troca entre os referenciais histórico-culturais dos diferentes grupos étnico-raciais e contingentes populacionais. Por isso, podemos considerar que a partir das letras dos

250

rappers do Quilomboclada, seja possível perceber e reinventar referenciais identitários relevantes para parte dos jovens portovelhenses a partir de reinterpretações de identidades amazônicas.

O importante neste artigo é ressaltar que na letra da música “Soul Quilomboclada” produzida pelo grupo no ano de 2005 no seu primeiro CD, intitulado “Correnteza”, os discursos são construídos em torno de denúncia das situações de opressão e exploração étnico-racial, social e ambiental, da exclusão econômica e consequente condição de miséria e abandono de parte importante de populações amazônicas. No entanto, é relevante para a compreensão mais ampla dessa letra e objeto de nossa investigação, o “rap’ensar” as identidades amazônicas e a discussão sobre a enunciação das particularidades da concepção de homem amazônico proposta pelos *rappers* do grupo Quilomboclada.

Educação e Identidades Amazônicas

O movimento *hip hop* pode ser definido como uma prática educativa informal produzida pelos jovens pobres, composto principalmente por negros, em Porto Velho e em grande parte do Brasil. O *rap*, por sua vez, é a expressão que mais difunde o movimento cultural, principalmente nas mídias hegemônicas e nas mídias alternativas, não ligadas ao grande capital. Neste sentido, este gênero musical e

movimento cultural, coloca em pauta questões polêmicas como racismo, discriminação, miséria nas periferias, drogas, violência policial etc., presentes no dia a dia das populações marginalizadas. Os elementos fundamentais do *rap*, por exemplo, são decodificados como reinterpretações de práticas culturais de ascendência africana, ligadas a música e a tradição oral do canto falado, por exemplo. Assuntos referentes à etnicidade estão quase sempre presentes nas letras de *rap* criadas pelos jovens (ANDRADE, 1996).

A relação entre o rap e a escola formal, entre outras dimensões, é marcada por conflitos e contradições, pois a maioria dos *rappers* descreve a escola em suas letras como um lugar sem atrativos e desacreditado, embora parte dos sujeitos reconheça a educação como um importante caminho a seguir e, desta forma, colocam a escola como um espaço social que precisa ser espaço de fortalecimento para transformações sociais. Na música “O homem na estrada”, do grupo de *rap* Racionais MC’s, o *rapper* Mano Brow vai direto ao tema ao retratar, através da música, a realidade social vivida pelos afro-brasileiros:

Empapuçado ele sai, vai dar um rolê/ Não acredita no que vê, não daquela maneira/
crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo/
seu café da manhã na lateral da feira/
Molecada sem futuro, eu já consigo ver/
Só vão na escola pra comer, apenas nada mais/
Como é que vão aprender sem incentivo de alguém/
Sem orgulho e sem respeito/ Sem saúde e sem paz. (RACIONAIS MC’S, 1993).

A realidade narrada sobre os jovens negros nesse fragmento musical, mostra uma realidade adversa enfrentada por estes. São poetas que narram seu dia a dia, suas histórias de vida e suas origens, fato que a escola formal evita tratar em sua dinâmica e organização curricular. O sistema educacional implantado no Brasil se apresenta distante da valorização das formas diversas de produção de conhecimento, assim se constitui em bases etnocêntricas, e como um modelo de educação excludente que não se encontra com as variados modelos de saberes populares do cotidiano. (BRANDÃO, 2005, p.10).

Trabalhamos com o conceito de educação defendido por Brandão (2005, p.10), ao assumir que “a educação é, como outras construções sociais, fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Percebemos a grande diferença entre a educação escolar e a praticada do lado de fora dos muros da escola. O movimento *hip hop* e o *rap* são um exemplo disto, as bancas (núcleos a partir dos quais os jovens do movimento se organizam), batalhas e bailes preenchem um cotidiano que muitas vezes poderia ser tedioso e sem sentido para os jovens desse movimento cultural, com informações e conhecimentos, com fundamentação de referências bibliográficas excluídas pela educação escolar formal.

Em nossa discussão, o pensamento de Stuart Hall (2002, p. 97) se mostra importante, pois este autor expõe alguns pontos sobre a identidade cultural no processo que denomina de “modernidade tardia”, exibindo uma afirmativa de que as identidades modernas estão sendo descentradas, decompondo as identidades pessoais, agitando a ideia que temos de nós mesmos como sujeitos unificados e causando uma “crise de identidade”. A apresentação de um sujeito pós-moderno, com uma identidade constituída e transformada sucessivamente em relação à natureza, pela qual é imaginado nos sistemas culturais que o circundam, mostra a obrigação de adaptação deste sujeito em uma sociedade que influi e é influenciada pela globalização. Neste movimento o sujeito é percebido soltando-se de seus apoios estáveis nas memórias e nas estruturas, deslocando as identidades culturais nacionais. Hall (2002) ainda mostra o efeito crítico e contorcionista da globalização nas identidades centralizadas e terminadas de uma cultura nacional. Esse efeito legitimamente plural modifica as identidades implantadas, tornando-as menos fixas, plurais, mais políticas e diferentes.

A globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do global nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do local. Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes. (HALL, 2002, p.97).

Desta maneira, podemos apontar que em paralelo à convergência rumo à homogeneização e globalização, há também um encanto com a diferença e com a mercantilização da etnia e da cultura. Surge, assim, em diferenciação ao movimento homogeneizante global, um novo interesse pelo local, originando novas identidades globais e novas identidades locais e as realidades amazônicas fazem parte deste processo.

Atualmente, a Amazônia idealizada homogeneamente dentro da Modernidade se revela a cada momento mais diferente, particular, dinâmica e difusa. Como confirma Castro (2010), o processo de integração do território estimulou as comunidades (reais e/ou virtuais) a questionamentos identitários, expondo diferenças culturais que coabitam no mesmo espaço. É nesse contexto que as populações amazônicas buscam afirmação de suas identidades. Mas é lógico que o reconhecimento das diferenças étnicas se realiza a partir da exclusão e da opressão que se traduz na produção ideológica de uma identidade “normalizada”, a identidade eurocentrada, que serve de modelo para as demais. Neste caminho, aqueles não encaixados neste padrão de identidade normalizador ficam a margem do processo produtivo, cultural, social que, nas palavras de Souza (2010, p. 89), constitui-se “uma ordem social autoritária”.

A normalização ocorre quando se elege uma identidade como parâmetro para avaliar, classificar e hierarquizar todas as outras

identidades presentes num determinado contexto social. No processo de normalização, a identidade hegemônica recebe os atributos de superioridade e positividade possíveis, em relação aos quais as demais identidades são avaliadas sempre a partir de uma falta, daquilo que elas não são em relação ao padrão hegemônico instituído. (SOUZA, 2010, p. 89).

Esta ordem social autoritária tem gerado invisibilidade social e excluído diferentes grupos na Amazônia. Desta forma, as sociedades camponesas amazônicas têm sido muitas vezes tratadas como invisíveis pela bibliografia. Outros elementos, como o tratamento dúbio da ideologia racial brasileira com analogia às populações mestiças, a naturalização ideológica, a-historicidade que qualifica a maior parte dos textos antropológicos sobre as populações amazônicas e, por fim, a marginalização da economia dos “povos da floresta” em comparação ao desenvolvimento econômico nacional, tem cooperado para o não reconhecimento dos camponeses. Gilberto Freire (1998, p. 80) ao falar da serventia do escravo africano para os engenhos de açúcar do nordeste brasileiro cita que, “logo se mostrariam incapazes os indígenas molengas e inconstantes”. Este é um exemplo de como, a invisibilidade sócio-política das populações indígenas e caboclas tem sido uma barreira para a sua importância como legítimas herdeiras das florestas em que residem.

Assim, conceituar a identidade cabocla, no contexto da globalização e apresentada numa

visão de autovalorização, mostra como a desigualdade e a naturalização dos contextos socioculturais limita possibilidades de percebê-la a partir de uma unidade identitária. Por isso a constituição da identidade cabocla tem lugar mais nas externalidades, desde o sistema econômico mercantilista até as modificações da economia global do que nas sequências locais, em comparação às populações indígenas. Pois os caboclos, não têm um passado colonial de vitórias para chamar, sentem-se afastados dos centros de poder e estão colocados em um contexto de mutações históricas atuais no domínio dos sistemas político-econômicos mundiais. Têm seguimentos e tendências, assim como descontinuidades e desacordos, e o que diferencia essas sociedades é a aptidão de agenciar e procurar chances no presente.

Finalmente, devemos esclarecer e desmistificar as diversas pressuposições generalistas edificadas sobre as sociedades caboclas. Não há uma cultura cabocla, mas diversas culturas, histórias e identidades, e o seu reducionismo pode sugerir um prejuízo do mais importante aspecto no diagnóstico destes sujeitos sociais: a sua variedade. De tal modo, a visibilidade dos caboclos deve acontecer precisamente pelo reconhecimento da sua heterogeneidade sociocultural. É muito importante definir as populações da Amazônia pelas particularidades amazônicas, tendo em vista a multiplicidade de nomenclatura para

qualificar o “campesinato amazônico”, ou “os povos da floresta”, deve ser respeitada a auto declaração do indivíduo: caboclo, ribeirinho, beiradeiro, indígena, quilombola, seringueiro, catador de castanha, entre outras identidades. Porém todas possuem um ponto em comum a floresta Amazônica, neste sentido, o mais sensato é pensar em termos de “identidades Amazônicas”.

SOUL QUILOMBOCLADA

Na língua dos povos bantos, “quilombo” significava povoação, capital, união, no Brasil, teve por significado local de refúgio dos escravizados no Brasil. Em uma junção do termo quilombo com caboclada, de caboclo, que é o resultado da fusão entre o branco e o índio, surgiu o nome da banda, Quilomboclada. Da mistura de ritmos, das influências tão absurdas quanto originais brotaram um som distinto, digno de suas raízes “beiradeiras”, de onde se gera a inspiração de seus integrantes. A batida que vem do boi-bumbá e dos batuques dos terreiros, as guitarras do rock, os discursos do *rap* e do *hip hop*, com a polirritmia do samba de roda, é tudo embaralhado, numa harmonia que ultrapassa os limites da concepção, é algo que procura uma química particular para descobrir a combinação da perfeita harmonia. Como a introdução da letra da música do próprio grupo “Soul Quilomboclada”, do CD intitulado

Correnteza (2005) canta: “De um lugar muito distante/ Vem surgindo a caboclada/ No estilo viajante/ Na bagagem a pancada/ Demarcando território/ Fé em deus e pé no chão/ Se o passado não foi justo/Vai virar revolução”. Como o *Rapper* do grupo, “Boca”, diz em favor da caboclada das injustiças do passado vai ocorrer à revolução, a revolução que ele fala é a revolução dos caboclos, é o reconhecimento do caboclo como dono do seu próprio destino e construtor de sua história.

O grupo Quilomboclada é um grupo de *rap* formado por Samuel, Mc Radar e Boca (vocais), Mestre Xoroquinho, Tino (percussão), Laureano (bateria), Flamarion (guitarra), Foca (baixo), DJ Vilson (Pick-ups e base), Flávio (roudie) e Fábio Simões (produção). O Quilomboclada procura comunicar a musicalidade afro-indígena, em sua gama de influências, com um rosto urbano, na linguagem do *hip hop*, tendo como prioridade a valorização da cultura beiradeira e dos povos da floresta na linguagem própria da região. É um som eclético, a partir do qual se procura fazer uma música valorizando a identidade da juventude amazônica de Rondônia e outros espaços amazônicos.

Os integrantes do grupo dizem fazer um som local, mas com uma visão do futuro e a expectativa de que ele seja universal. As letras das músicas têm cunho político social possível de ser percebido facilmente, mas principalmente pensam em fortalecer a autoestima do povo

beiradeiro, do negro, do índio, daqueles que sempre foram discriminados, excluídos e marginalizados. É uma tentativa de luta dos povos amazônicos, eles levantam uma bandeira de luta para que a nova geração se orgulhe de sua condição étnica e cultural e o erguimento de sua autoestima através da música local se identificando como pertencente à Amazônia.

Em 2005 o Quilomboclada lançou o seu primeiro CD intitulado “Correnteza”. O CD foi um projeto em parceria com a Prefeitura de Porto Velho através da Fundação Iaripuna. Teve o objetivo de divulgar e fortalecer o movimento cultural na capital, o nome do CD resumiu o momento cultural da cidade, de inquietação, como a correnteza do rio Madeira. As músicas do CD “Correnteza” de 2005, “Soul Quilomboclada”, “Beiradeiro”, “Bate cabeça Caboclo” e “Valha” são importantes para a discussão em pauta nesse trabalho, mas iremos nos limitar em analisar a letra da música “Soul Quilomboclada”, discutiremos os pontos referentes à questão da construção das identidades amazônicas.

O Soul no duplo sentido, no sentido de ser e também no sentido de pertencer ao movimento a *Soul Music* e Quilomboclada como já foi apontado. Na música “Soul Quilomboclada”, o grupo define seu perfil de combate à cultura “dominante” e contra a opressão aos “povos da floresta”, na primeira parte da letra da música o *rapper* Samuel cita

quem é o inimigo, mesmo que de forma subentendida. Vejamos:

Conheço gente fina/ Se suja se alimpa/ Na fuga de um passado de esquina/ Na luta pela vida se supera faz o clima/ adrenalina da pura/ música de rua/ Agulha de costura na boca de pagar sapo/ Pra ser irmão tem que se mais que chegado/ E nessa guerra somos todos aliados/ Pequenos soldados/ de pensamento blindado/ Ligados, sintonizados/ Na quantia de “malungos” por metro quadrado/ Espaço aéreo fechado pro inimigo/ Se eu abrir mão de você renego a Cristo/ Se, só o seu corpo vale mais do que você tem no bolso/ Sua alma caboclo vale mais do que o mundo todo. (QUILOMBOCLADA, 2005).

A transcrição da letra da primeira parte da música “Soul Quilomboclada”, é uma declaração de guerra do Quilomboclada contra a “branquitude”, contra aspectos angustiantes que os grupos dominantes representam para estas populações: a opressão e a discriminação de classe e étnico-racial, como os “escuros”, as “minorias” étnicas da Amazônia, que na verdade são a maioria que economicamente pouco possui. Populações divididas pela ideologia do branqueamento, defendida por intelectuais e cientistas brasileiros no início do século XX e propagada pelo próprio Estado. Foi criado o “mito da democracia racial”, “o Brasil é um país de clima tropical onde as raças se misturam naturalmente e não há preconceito racial”, (RACIONAIS, 1992).

A “mestiçagem” em Freyre (1998) é o elemento principal da colonização e da formação cultural brasileira. Seu reflexo na atualidade, conforme a teoria “freyriana”, seria o ambiente

amigável dos contatos raciais entre brancos, negros e índios no Brasil. O “mito da democracia racial”, baseia-se no argumento de que “a miscigenação corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre casa-grande e senzala” (FREYRE, 1998, p. 36). Contraditoriamente, embora entenda uma relação hierárquica de superioridade na relação sexual, ou melhor, no “estupro colonial” atenuado por Freyre (1998) como uma “confraternização”, esta seria a tecla para a edificação político-ideológica do mito da “democracia racial”. Como já dito, trata-se de “um processo de hegemonia racial que contribuiu para estruturar a desigualdade racial no país, negar sua existência dentro da complexa ideologia da democracia racial e criar as precondições de sua perpetuação” (HANCHARD, 2001).

A letra da música “Soul Quilomboclada” vem exatamente para denunciar essa tentativa dos grupos dominantes, através dos argumentos de mestiçagem com o discurso do “mito da democracia racial”, de embranquecer culturalmente os contingentes populacionais distintos do padrão etnocentrado claro. Processo que vem junto com a negação dos seus direitos de cidadãos e lhes deixando à margem do processo produtivo.

Como alternativa de resistência o grupo traz a proposta de construção positiva e autovalorização das “identidades amazônicas”. Como já foi apontado acima, na primeira parte

da letra da música “Soul Quilomboclada” (2005); “Se eu abrir mão de você renego a Cristo/ Se, só o seu corpo vale mais do que você tem no bolso/ Sua alma caboclo vale mais do que o mundo todo”. É nesse clima de valorização identitária do caboclo que o Quilomboclada nega o embraquecimento, se posicionando como pretensa vanguarda dos oprimidos da floresta amazônica.

Na segunda parte da letra da música “Soul Quilomboclada”, o grupo se apresenta e se auto define, deixando exposto quem eles representam, o *rapper* “Samuel”, dar uma entonação na voz, digno dos grandes nomes do *rap* nacional, a letra contagia e convida a juventude amazônica a se rebelar contra o sistema de opressão e se orgulhar de suas características étnico-raciais e multiculturais. Observe a transcrição da segunda parte da letra da música “Soul Quilomboclada” (2005):

Eu me apresento, sou negro e caboclo/ Afro-indígena daqueles bem loucos/ Se você gosta de tudo que é pouco/ Eu e você somos apenas o oposto/ Já caí, já chorei, sofri/ Pelo meu corpo tenho as marcas de Caim/ Eu sigo em frente/ Minha aldeia é diferente/ O meu povo é consciente/ Por que sabe a dor da gente/ Já quebramos a corrente que você me colocou/ Paulo Freire me ensinou, no passado ele lutou/ Hoje eu sei a diferença do oprimido e o opressor. (QUILOMBOCLADA, 2005).

Processos de desigualdade, pautados em violências e desconsideração da diversidade étnico-racial se desenvolveram desde a escravidão no Brasil e no período pós-abolição,

na República permaneceram algumas de suas bases como orientações dos grupos hegemônicos do Brasil. Pautados por uma percepção racista, os grupos políticos e intelectuais hegemônicos mantiveram um olhar estereotipado em relação às populações negras, indígenas e aos demais escuros e esta lógica é que se faz presente também em Rondônia e à qual jovens rappers têm se insurgido, em busca de construir alternativas de sociabilidade e produção de referências socioculturais e políticas.

Desta maneira, percebemos o grupo de *rap* Quilomboclada, em suas produções em geral e em sua letra “Soul Quilomboclada”, como expressão deste movimento de negação da invisibilidade social e da marginalização à procura de outras bases identitárias para suas relações com o mundo nesta região amazônica.

Considerações Finais

O presente trabalho é fruto do esforço de revisões bibliográficas sobre a questão racial no Brasil é discutida a partir das letras de *rap* de vários grupos no Brasil e no mundo. O interesse pelo assunto surgiu a partir das participações de bailes e festa da cultura *hip hop* em Rondônia. O artigo foi produzido com as leituras e por horas de escuta atentas às músicas e letras elaboradas pelos *rappers*. A atenção empreendida para compreender as mensagens transmitidas, o próprio estilo de vida dos jovens do movimento

hip hop da floresta de Porto Velho – RO, divulgadores de uma consciência ecológica preocupada com a floresta amazônica e com as populações que tiram dali seu sustendo, uma consciência solidária, em defesa dos oprimidos e marginalizados pelo sistema capitalista. O estudo buscou ser uma introdução às pesquisas sobre os significados e a importância do *rap* como projeto educativo e nas discussões étnico-raciais na Amazônia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elaine Nunes. **Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre os rappers de São Bernardo dos Campos.** 1996. Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **Desconstruções identitárias na Amazônia Brasileira.** Belém, UFPA, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

GOMES, Renan Lélis. **O hip-hop como manifestação territorial: aspectos regionais do rap no Brasil.** Boletim Campineiro de Geografia, p. 82-104, v. 4, n. 1, 2014.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HANCHARD, M. **Orfeu e o Poder: Movimento Negro no Rio e São Paulo, 1945-1988.** RJ. Ed UERJ, 2001.

MENDONÇA JÚNIOR. FRANCISCO CARLOS GUERRA DE. **HIP HOP Como Identidade Cultural Negra e Periférica. A Aversão de Rappers Brasileiros à Rede Globo.** 2014. Pag. 194. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

QUILOMBOCLADA. **Soul Quilomboclada.** Correnteza, 2005.

RACIONAIS MC'S. **Racistas Otários.** Holocausto, 1992.

RACIONAIS MC'S. **O homem na estrada.** Raio-X do Brasil, 1993.

SOUZA, Sérgio Luiz de. **Fluxos da Alteridade: Organizações Negras e Processos Identitários no Nordeste Paulista e Triângulo Mineiro (1930-1990).** 2010. Pag. 450. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.

NOTAS

ⁱ Graduado em História e Segurança Pública (UNIR);
Mestrando em História e Estudos Culturais pela
Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail:
historiadorpsi@hotmail.com

ⁱⁱ Doutor em Sociologia pela UNESP; Professor Adjunto
no Departamento de Ciências Sociais, junto a
Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - Campus
Porto Velho, também atua como Professor do programa de
Mestrado em História e Estudos Culturais da UNIR -
Campus Porto Velho. E-mail: sergiosouza@unir.br

ⁱⁱⁱ Graduado em Ciências Sociais (UNIR); Mestrando em
História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de
Rondônia (UNIR). E-mail: cassio.lus@ifro.edu.br

Recebido em: 15/10/2017.

Aprovado em: 17/11/2017.

Publicado em: 30/01/2018.